

EDITORIAL

A UNIVERSIDADE E O DESEMPENHO AMBIENTAL ADEQUADO

TAUK –TORNISIELO, S. M.

**Pesquisadora do Centro de Estudos Ambientais, UNESP e Editora Chefe da Revista
Brazilian Journal of Ecology (1994-2001), Prêmio Jabuti (1992).**

**Av. 24-A, 1515 – Bela Vista. 13506-900, Rio Claro, SP, Brasil. e-mail:
seb@rc.unesp.br**

As questões ambientais foram sendo incorporadas vagarosamente no quadro organizacional da universidade brasileira e ainda não se encontram totalmente entendidas e conseqüentemente, são mal desenvolvidas.

Não se entende, que num país onde há abundância de recursos naturais e até mesmo de produção agrícola, existam índices elevados de mortalidades, de enfermidades e de analfabetismo.

A grande extensão de terras e a diversidade de desenvolvimento, a bem da verdade, dificulta uma governabilidade eficiente, somando-se ao grau de corrupção existente, praticamente em todos os sistemas de gestão.

Diante deste cenário, alguns e não poucos utilizam discursos sobre porque abordar questões ambientais, num país onde há miséria predominante, tendo estes um total desconhecimento, (assim é melhor pensar, no lugar de supor que a bem da verdade, eles querem usar o "ambiente" ou os recursos naturais de forma gratuita até esgotá-los, para ter um alto rendimento financeiro) sobre a importância de ações preventivas e da necessidade do aumento da produção agrícola com controles ambientais.

Quanto às Universidades, além de promoverem um desenvolvimento econômico e cultural nas suas regiões onde se encontram inseridas, deveriam procurar

mecanismos para se obter sustentabilidades econômicas, culturais, ecológicas, ambientais e sociais. Entretanto, as ciências, educação e instituições continuam sem recursos adequados e atuam com esquemas organizacionais tradicionais, que em nada se aplicam às ações ambientais. Sistemas cartesianos e modelos de gestão burocráticos entravam as mesmas, que por sua vez, necessitam de serem ágeis, eficientes e contemplatórias a realidade pontual, regional, nacional e até mesmo internacional.

O que se verificam são as aplicações de verbas para centros tecnológicos de excelência, porém poucos recursos são concedidos às soluções das problemáticas ambientais e portanto, estando muito longe de serem alcançadas, como por exemplo, a conservação da água. Além disso, o nível e o interesse acadêmico, foi inicialmente se discutir em longas e estafantes reuniões sobre de quem seria a competência para se lidar com as questões ambientais. Anos seguidos profissionais discutiram esta temática "inócua", sendo que este "ranço" ainda persiste em certos seguimentos e/ou profissionais. Enquanto isto, a degradação ambiental vem sendo cada vez mais acelerada, com poucas soluções e estas quando ocorrem têm alto custo financeiro.

A prática e o tempo têm demonstrado a necessidade da aplicação da multi, inter e transdisciplinaridade para ações eficazes quanto às problemáticas ambientais. Isto, entretanto, desencadeou uma constatação real, na qual os profissionais formados não estão sendo preparados para atuarem, refletirem e analisarem tais questões, com estas abordagens.

Há necessidade de se construir um modelo de gestão novo para as universidades, com menor número de regulamentos e regimentos e estes sem serem "engessantes", proporcionando perseguir paradigmas e propostas inovadoras razoáveis.

Há necessidade de se quebrar os muros, romper os feudos e vencer os gigantes. A Universidade deve contemplar uma reformulação quanto à globalização (embora não sendo-me agradável, ela há muitos séculos já foi prevista), a qual requer inúmeros requisitos e regras ambientais. Há necessidade de se criar uma consciência sobre os custos da conservação ambiental, de propor mudanças significativas nos padrões de comércio e consumo de produtos ecologicamente adequados. Nisto tudo, a Educação em todos os níveis, deve estar presente e se faz necessária, não de forma paliativa, mas com metodologias adequadas e eficientes, para se atingir um bom grau de excelência.

No conjunto, os fatores empresariais, universidades, governos e as comunidades devem ampliar os horizontes da gestão ambiental e exigirem abordagens de interações da multidisciplinaridade ou da interdisciplinaridade. A excelência no desempenho ambiental depende destes fatores, incluindo a Universidade, que deverá romper seus muros, melhorar a qualidade de seus profissionais formados e embutir em todas as suas ações, os aspectos para a formação de um cidadão cada vez mais atuante.

As criações do Centro de Estudos Ambientais e da Revista Holos Environment, embora defasadas 10 anos, possuem os mesmos fins, ou seja, o de quebrar a estrutura cartesiana, romper o modelo burocrático e aplicar a inter e transdisciplinaridade. É o que nos propuzemos fazer, prosseguindo com nossas ações em busca de melhor qualidade de vida para as gerações futuras.